

Monografia para seminário, Sociedade Taoísta (1996) Rio, RJ

### **Introdução para o leitor não especializado.**

*Quando joguei I-Ching para saber se devia voltar à Umbanda (onde dessa vez voltei como filha-de-branco e não mais consulente) a resposta falava de união, unir tendências ao redor de si “como os cabelos ao redor do grampo”. Unir, na minha prática, correntes perfeitamente conciliáveis filosoficamente: de um lado, a grande abrangência; do outro o grande sincretismo - é faina que tem norteado os meus dias, para surpresa de alguns e desconfiança de outros. Mas o grampo tem sustentado. Este jogo se deu quando eu, pouco depois de redigir o presente texto, havia já decidido deixar o seminário de formação de monges taoístas para o qual foi escrito. Mas permanece, e aproveito esse espaço para socializá-lo.*

*Notas inúteis naquele contexto se fizeram necessárias aqui, e eu as inseri.*

TEMA: Vida e Morte.

### **Introdução**

Fiquei perplexa ao ser chamada porque não confirmei voto; não medito nem dez minutos por dia, então não pratico alquimia; e um dos motivos que não confirmo voto é esse.

Veio então a aceitação, por gostar do tema proposto. É o ponto que nos une mais do que tudo, e a todas as outras pessoas. A morte é a única certeza que se tem nessa vida. Posso viver bem ou mal, morrer bem ou mal, desejar a morte como libertação, aceitá-la como um fato ou temê-la como uma ameaça, mas para lá eu vou. A morte é muito democrática. *A pálida morte*, disse Horácio, *com o mesmo pé empurra a porta do palácio e a da choupana.*

No passado eu tinha bastante curiosidade a respeito, tenho ainda livros de arte sobre as múmias sicilianas e a arte dos cemitérios; não é disso que vou falar.

Lembrei-me que estive muito perto da morte muitas vezes, de formas e em situações bastante diversas, e achei interessante falar dela e de sua irmã a vida.

Por fim, e aí vem certa preocupação, esta é platéia que por definição se interessa por vida e morte já que em grande parte pratica meditação taoísta e alquimia.

Me alentei pensando que a preocupação não deve ser minha, e sim de quem tenha de me ouvir hoje.

Mas veio nova preocupação: como organizar? Soaria falso falar do que não vivencio, e o que me atrai no taoísmo é a honestidade; não quis reproduzir na íntegra a aula do Cheng \* (\*mestre Wu Ji-Cheng, falecido em 2004, aos 46 anos) sobre encarnação. Quem quiser a aula do Cheng leia a aula do Cheng; nem é ético eu sair recitando o trabalho alheio

nem isto deverá ser uma sabatina sobre a minha erudição teológica. Comecei a reler o Tao Te Ching e o Eclesiastes; leiam o Eclesiastes, é um texto lindo e profundo.

Lembrando-me do que me contaram, que minha mãe era alérgica à própria gravidez (toxemia gravídica) perdia todos os fetos antes e depois de mim e só eu nasci - graças ao cajá-manga que ela comeu – achei que tinha aí um começo para, a partir do concreto, falar a vocês da vida e da morte.

## 1. O aqui e agora.

Nós estamos no Rio. Sempre achei que isso aqui parecia a França antes da Revolução: a convivência da tecnologia mais avançada da época, das Marias Antonietas, do brioche, com a miséria sentada na calçada, com a lama, a falta de pão. Agora, mais do que nunca. Lá só não tinha morro na topografia. No rio, após um período em que foi menos visível, e que é o período em que nasceu a maioria dos presentes, a morte volta a aparecer muito com o aumento da violência. O período a que me refiro é o que se seguiu à abolição da pena capital, quando se deixou de pendurar pessoas estrebuchando em praça pública, e mais ainda, especificamente, o pós-guerra, do qual qualquer historiador das mentalidades dirá que tentou pasteurizar e anestesiar a morte.

Para quem vivia no Rio, os retirantes morriam de fome era lá em cima, no sertão; os pracinhas morriam na guerra era lá do outro lado do mar, e dos donos dessa terra, os índios meus ancestrais então nem se fala. Escamoteados, dados por mortos enquanto ainda vivos. Com a ditadura militar, o carioca que preferia ignorar as mortes lá nas masmorras, pôde; a força da morte demorou a plenamente chegar ao Rio e mais ainda à classe média. Havia o câncer, doença de primeiro mundo, que a classe média tem por referencial. Depois veio a Síndrome de Imunodeficiência e as mortes barrocas nas páginas d'A *Notícia*. Coisas que se você andasse direitinho, não fumasse, usasse sempre camisinha, não se envolvesse com marginais (prefiro o termo *marginais* a *bandidos* porque há muitos bandidos de colarinho branco inseridos no sistema) provavelmente ficariam longe de você. Falo da morte, não do desequilíbrio social.

Criança é uma vida começando, certo? Neste país as crianças do asfalto SEMPRE cresceram vendo os mendigos dormindo na rua: é um dos maiores desrespeitos à vida. Mas agora as crianças da favela crescem tendo de passar pelos garotos da idade do meu filho, mais baixos que eu, armados com máquinas mais alta que eles, de última geração, exatamente como no filme do Bressane. \* E as crianças de rua morrem como moscas, e

vivem uma vida que já é tão “morte” que a imprensa prefere chamar de *menores*, e a nação hipocritamente se indigna quando matam sete de uma vez. E crianças e adultos de qualquer idade podem morrer, e morrem, de balas perdidas. *\*(Como se Fazem Anjos)*.

Ainda não pedi ninguém emocionalmente muito próximo: sei que é uma questão de tempo. Mas me doeu como a perda de um próximo a morte do filho de uma vizinha da rua. Cresceu junto com a minha filha nos tempos do maternal. Estava num pagode do Cerro-Corá e a polícia chegou para estourar a *boca*. Como ele estava puxando um fuminho saiu correndo com medo. Morreu baleado pelas costas e ia sendo enterrado como indigente e agressor de 25 anos presumíveis, com a carteira de identidade no bolso. Tinha 17 anos ao morrer e ia entrar para o serviço militar. O pai chegou a tempo no IML, a tempo de botar na boca do mundo. Não deu em nada a queixa na Polícia Civil. Me explicaram que nessas horas as polícias se unem. Esse trabalho é dedicado à sua memória.

A morte está muito presente no Rio, aqui e agora, no asfalto e no morro e agora até nos salões de festa. Nos últimos anos mais gente morreu de bala perdida em festinhas de aniversário do que eu tenho dedos na mão. E não é a morte lírica de *Orfeu Negro*, *Orfeu do Carnaval*. Como no tempo das forcas, é uma morte sem a menor graça. E voltamos a conviver com ela.

## 2. Convivência e conivência

Eu falei da convivência com a morte. Queria falar da conivência com a morte. Conivência com a morte desnecessária, a todos os níveis.

Assim como a paz é mais do que a ausência da guerra, como saúde é mais do que ausência de doença, preservar a vida é muito mais do que não empunhar armas para matar, e matar é muito mais do que empunhar armas. Vida é muito mais do que não estar na morte.

Pode-se matar de muitas formas, inclusive a si mesmo. Um dos maiores deveres do taoísta é manter-se vivo, porque um dos seus maiores deveres é preservar a vida. Você pode se matar aos pouquinhos comendo mal, apostando na doença, na derrota. No medo, no cigarro, na cocaína, que é tão inimiga da vida que anula o primeiro passo da procriação, a ereção do homem.

Quando à beira da estrada se lê RESPEITE A VIDA, muitos torcemos o nariz porque é algo que vem de cima para baixo, de fora para dentro, do governo para o povo. *Quando*

*se perde o Caminho é que surgem a bondade e a justiça (TTCh, xviii)*. Ninguém deveria ter de nos dizer para não jogar pontas de cigarro, não jogar lixo. Este é um país em que o Sujismundo, criado nos anos setenta para ser vilão, se torna herói. Mas o atalho que leva ao Caminho passa pela bondade e pela justiça, passa pelo painel à beira-estrada e pela educação pública. Aqui nesse recinto se supõe que ninguém faça como o Sujismundo; nem tenha sagüi ou passarinho silvestre engaiolado (não que eu recomende engaiolar canários) e assim por diante. Mas há muitas maneiras de desrespeitar a vida, de ser conivente com a morte. Ignorar a poluição ambiental é uma, do seu carro, talvez da sua indústria ou da indústria que você tem planos para ser o gerente administrativo. Até da poluição que sofremos sem culpa somos culpados se preferimos esquecer.

Pode-se matar, inclusive a sai mesmo, assassinando a cultura. Duas décadas de governo totalitário assassinaram o sistema de ensino ao ponto que ninguém mais sabe usar crase; porque complicaram de tal forma a explicação, afastando-se do tesouro que é a simplicidade, que ninguém mais sabe que crase é o feminino de “ao”. Pode-se matar a cultura de um povo com as novelas da Globo, ou com as mexicanas que fazem a Globo parecer Machado de Assis; com o xis da Xuxa, que matou as canções de roda em razão direta do poder aquisitivo. Podem me chamar de vestal saudosista. Durante os anos negros, creio que em 72, em algum momento houve uma Feira do Livro Infantil na Europa. O Brasil de Monteiro Lobato enviou *O Tesouro da Juventude* na edição traduzida para o português. *O Tesouro* é uma excelente obra da era pré-telinha, mas representa tanto o País como queijo camembert fabricado em Petrópolis representa a culinária nacional. Na mesma época se importou o Dia de Ação de Graças\* e nas desvalorizadas cédulas surgiu a frase *nós confiamos em Deus* que está no dólar. Na mesma época não se encontrava na livraria um só exemplar de *Macunaíma*, nem de Cecília Meirelles. Não era coincidência, era genocídio cultural, e Deus não precisava ver Seu nome associado a tudo aquilo. Eu não quero ser conivente hoje, sabendo e não lembrando.

\* (e agora também Halloween.)

Pode-se trabalhar com a morte, de perto ou de longe. A ex-mulher de um primo meu se orgulhava de ser secretária-executiva de uma família de colunáveis que importavam armas. Isso é trabalhar com a morte. Ela agora vende quadros na feira hippie e nem assim transmite muita paz; o colunável faliu. Para que isto não seja uma história piegas, há outros importadores e outros comparadores.

Para ser menos piegas ainda, para ser uma história de horror, volto à chacina da Candelária. \* (\* a menção indireta mais alto era suficiente em 1996. Nesse massacre policiais militares assassinaram sete meninos de rua que dormiam.) Caiu como uma luva para a cidade esquecer outra chacina na semana anterior: três adolescentes queimados vivos porque havia controvérsia dos presentes se haviam ou não tentado furtar uma bolsa no ônibus. Na dúvida... foi aqui em Olaria, não foi no Acre não. Quem matou forma cidadãos pacatos que comiam churrasco na calçada, entre familiares e vizinhos. Na Candelária quem matou foi o grande bode expiatório, a polícia. Aquela, que é corrupta. Quem é que corrompe a polícia? Meu tio, seu patrão, sua vizinha. Ou você, não sei.

Quem mora em Olaria é pior? Podia ter sido Copacabana, então. Alguns não participaram, ligaram para a patrulhinha. Cansei de ouvir aplausos às chacinas várias por parte de gente engratada. Eu freqüento roda de samba. Há dois donos de bares famosos no campo, um que trabalha com o *Se Essa Rua Fosse Minha* e o outro que espuma literalmente pela boca e recomenda fuzilar os ladrões de carro.

Ninguém foi sequer detido pela chacina de Olaria. Inocência não é impunidade. Todos da rua foram coniventes com a morte. Todos nós brasileiros somos coniventes em algum grau com a sociedade que tornou isto possível.

### 3. Viver a vida.

*Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias* disse o rei Salomão. (*Eclesiastes, vii-29*). O taoísmo fala de voltar à pureza inicial. Até para quem não pratica alquimia \* (\* forma de meditação taoísta que visa levar a alma à imortalidade) retornar é voltar à simplicidade perdida. Simplicidade não é falta de qualidade, não é desleixo, simplicidade não é dizer que crase é complicada de usar e massacrar o português; é ensinar a crase e o resto, simplesmente, ao povo nas escolas. Arte que se foi perdendo neste país nos anos pós-golpe. Deus fez o homem reto, e em cada ato se pode preservar a retidão. Retidão é preservar a vida na vida. Na sua vida, na vida do seu bairro, no trabalho que você produz, na comida que você ingere para se manter vivo.

O que ingerimos pode ter mais ou menos força vital; enlatados estão mais mortos que alimentos frescos e causam mais morte; quem tem câncer não deve comê-los, na verdade, ninguém deve. Refrigerante está mais morto que suco natural, vinho ou água. Claro que depende do vinho mas ninguém precisa comprar Sangue de Boi nem vinho Telefone (o que vem com chapinha em vez de rolha) porque ninguém precisa comprar vinho. Claro que depende da água também; a água do Rio está tão morta de cloro que se

você não tirar o cloro, vai arrebentar a sua vesícula. Ninguém precisa deixar de beber água, tem filtros, tem água mineral. O pequeno gasto sai mais barato a longo prazo. Água é vida.

Voltando mais uma vez à chacina de Olaria, duvido que tivesse ocorrido se os assassinos estivessem comendo salada ou mesmo pizza em vez de churrasco, se já não estivessem tomando cerveja às onze da manhã com o sol na cabeça. Não critico quem toma; eu não tomo. Mas foi um caso de “a minha liberdade vai até onde termina a sua vida”. Foi, também, um caso em que o alimento contribuiu para a violência. São belíssimas as palavras de Jesus, *O mal é o que sai da boca do homem* e eu entendo e até concordo com o que Ele quis dizer. Porém se pode ir além. Quando na Inglaterra, há poucos anos, substituíram na merenda escolar os hambúrgueres e refri por sucos e sanduíches “naturais” o vandalismo caiu ao redor dos colégios participantes. \*

*\* Eram algumas escolas pioneiras. Desde então as iniciativas de pessoas como o chef Jamie Oliver têm feito muito para melhorar o quadro britânico pouco a pouco.*

Não sou vegetariana radical até porque acredito que se Deus nos deu dentes caninos como aos carnívoros, por algum motivo foi. Mas Ele nos deu 4 caninos em 32 dentes, e é mais ou menos nessa proporção que eu pessoalmente como carne, que é geralmente peixe. \* (*\* Hoje ainda como menos, por observar que nubla a percepção.*) Não me passa pela cabeça dizer que consumir carne torne a pessoa automaticamente feroz. Um amigo filósofo e vegetariano me contou uma história linda. Viveu cinco anos na França, terra de homens carnívoros, e apesar de ser ateu se hospedava regularmente num mosteiro dominicano. Assim que o viam chegar, sempre pelo final da manhã, um frei ia correndo avisar na cozinha que preparassem alguma coisa com hortaliças para o André. Isso é verdadeiramente compaixão. \*

*\* A compaixão é a maior virtude a ser almejada no Tão; o cumprimento taoísta significa “Compaixão!”.*

*Ouvi dizer que o bom cultivador da vida viaja sem temer as feras, atravessa o exército sem precisar de armas (TTCh, I). Por quê? Porque cultiva a vida e não cultiva o ego. Aqueles freis eram pessoas que sabiam cultivar a vida.*

Cultivar a vida pode ser fazer amor, que é bom para a saúde e faz vem à pele e à alma. Um professor meu dizia que “no instante da nossa sexualização nós nos tornamos semelhantes a Deus pois somos criaturas e criadores.” Cultivar a vida, para mim, definitivamente não é duplicar a vida em laboratório. Para o taoísmo o corpo físico é um veículo, um terço da pessoa viva. Aquele que mandou criogenizar o seu cadáver e

aquele que quer que o clonem está deitando e rolando no ego. Se aquele zumbi revivesse, nunca seria aquela pessoa, apenas a casca seria igual. É a derrota do ego, caindo de sua torre de Babel na tentativa de ser Deus de forma indevida. Intervindo nas sementes da natureza de forma tão acintosa, que revertere não poderemos gerar? Pra mim, isso e o vudu caribenho que levanta corpos mortos têm o mesmo mérito. Nem a quimbanda faz isso.

*Aquele que se substitui ao Grande Lenhador ao serrar, dificilmente não fere a mão (TTCh, lxxiv).* Ou seja, fabricar a morte não nos compete, mas Lao Tze não podia prever clonagem. Aquele que se substitui ao Grande Jardineiro ao plantar dificilmente colherá frutos doces.

#### 4. Viver para a morte.

*Como saístes do ventre da tua mãe, assim nu voltarás, sem nada levar contigo (Eclesiastes v, 15).* Sei que no Yin Fu Ching há muita coisa sobre a vida e a morte; é um texto de alquimia e como avisei, não pratico alquimia. Falar do gosto da maçã alheia é coisa que não vou fazer. Assim como conscientemente não pratico alquimia, conscientemente cito o rei Salomão porque suas palavras são universais e porque estamos todos impregnados de cultura judaico-cristã, para o bem e para o mal. Não adianta tapar o sol com a peneira.

Não adianta eu me fazer de chinesa ou mesmo de tupinambá, mesmo se no meu caos eu tenho ancestrais indígenas. Mas por atavismo ou não, sempre vivi como o índio que o Francisco Mourão \* (\*mestre Francisco Mourão deixou a Sociedade Taoísta por volta do ano 2000, segue praticando a religião e a alquimia até onde se sabe; é tido por muitos como o maior taoísta do Brasil.) citou na palestra dele, que vivia como se aquele minuto fosse ser o último. Minha filha briga comigo porque sempre deixo ordens do tipo “se eu não voltar o dinheiro está ali, o trabalho a ser entregue a Fulano está ali, e Sicrano me deve tanto.” Vou continuar fazendo, a morte é certa e a hora incerta.

Tentar não deixar fios soltos, ir arrematando à medida que se vai tecendo a vida, e tecer um pano honesto. Esta vida aqui, do Céu Posterior\*. (\*O mundo manifestado.) O que será feito de mim depois, decida Deus, faça-me Ele encarnar onde houver por bem. *Quem pode dizer que o fôlego de vida dos seres humanos se dirija para o alto, e o dos animais para baixo, para a terra?* (Eclesiastes iii- 21), indagou o rei Salomão que pode ter tido, até no plano astral, contato com outras religiões. Se tiver de ser num inseto, que seja numa libélula e não numa barata. Ouvi dizer coisas maravilhosas da vida das libélulas.

Falei que a morte é certa, não é porque é certa que é ruim. Falei que a morte é democrática. Como disse o Churchill da democracia, a morte é o pior sistema com exceção de todos os outros. Se não morrêssemos, não daríamos valor à vida, se não morrêssemos, não poderia haver nascimento. Quem sabe não seria necessariamente tão ruim, apenas diferente, tão inconcebível para a mente humana que os gregos, humanizadores de divindades misturavam meros mortais a Afrodite e a Hermes, porque reproduziam no Além o mundo manifestado. A mente humana imagina mal uma manifestação de vida sem morte e sem nascimento. A vida é feita de yin e de yang. *Rígido e duro são companheiros da morte, tenro e brando são companheiros da vida (TTCh, lxxiv).*

Quando penso no fio da minha vida, e na ponta do fio ainda por cortar, tento fazer que a linha seja digna da tesoura. Quando não tenho virtude para fazer em escala macro, tento a escala micro. Quando não tenho sabedoria, então tento a polidez. \* (\**Virtudes correspondentes no taoísmo à Água e ao Metal respectivamente.*) Com todos em qualquer lugar, e em geral o retorno é bom. Nunca é demais ser polido. É bom não ofender sem motivo, estar em dia com os outros,

*antes que se rompa o fio de prata,*

*antes que se despedace o copo de ouro,*

*e se quebre o cântaro junto à fonte,*

*e se desfaça a roda do poço;*

*e o pó volte à Terra, que o era,*

*e o espírito volte a Deus, que o deu (Eclesiastes xi, 6-7)*

Concluindo...

Carma a gente traz quando encarna, a gente cria ao viver e a gente herda em parte com os genes. Aqui perto era um cemitério de escravos\*. (\* *Cemitério que a vox populi situa perto do Parque Guinle, e referido por textos da Biblioteca Nacional. Certamente era cemitério de escravos da fazenda local, não da cidade. O da cidade ficava no centro e teve diversos endereços.*) A casa-grande era perto do Pereirão segundo ouvi. O feng-shui da área é discutível. Até para quem não mora naquela área: a gente que é brasileiro geralmente tem responsabilidade herdada, carma se quisermos chamar assim, de todas as mortes dos indígenas, dos escravos. Quando não tem, ainda tem responsabilidade, ou carma criado, da chacina de Olaria, das queimadas e dos meninos carvoeiros. Não é me descabelando e batendo no

peito que eu vou queimar esse carma, mas também não é concentrando-me no meu umbigo ou o meu Porsche.

Ou assim creio. Não é de tudo nesta vida que se tem a prova ainda me vida. Nem tudo na vida é mensurável e computável. Minha filha fica triste porque tem sonhos lindos (é filha de cinéfilos e diz: “a **fotografia** dos meus sonhos é bonita!”) sonhos que ela tem dó de não poder reproduzir pintando ou desenhando. Na hora em que ela tenta, viram cinza. Nem tudo na vida dá pra passar pro microfilme ou para 3 disquetes de segurança. É importante ter essa consciência.

É importante fornecer material de qualidade para a matéria-prima dos sonhos de quem pode estar nos sonhando. É mais ou menos isso que eu tinha pra dizer.